

Plano provoca polêmica e apoio

Delfim está entre os que acham que não dará certo

São Paulo — Discordância, apoio e polêmica estão sendo geradas em torno do Plano FHC2, o plano econômico do governo para estabilizar a economia e que será anunciado esta semana definitivamente. O deputado Delfim Netto (PPR-SP) dá a entender que o Plano é somente para fechar um buraco no orçamento da Previdência, que vai ganhar, com o aumento de impostos, US\$ 1 bilhão, segundo cálculos que realizou.

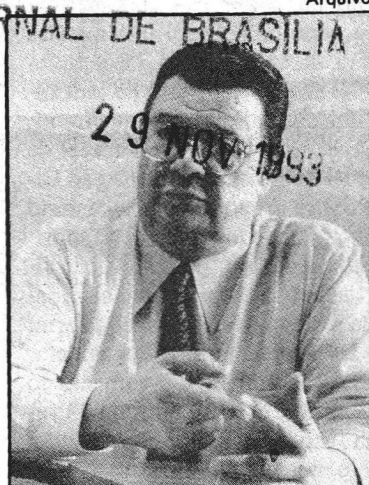
O ex-ministro diz ainda que o governo poderia ter cortado no Orçamento de 93 e não o fez. "Não acredito que o plano dará certo, pois provocará um aumento geral de preços no mercado", afirmou o economista, hoje deputado federal, ao observar que "logicamente, os empresários repassarão os aumentos de preços aos produtos. Não vão querer ter prejuízos".

Delfim Netto salienta que a Previdência está falida, mesmo sem repassar os recursos que deveria para a Saúde e que não o faz. Uma estimativa que ele fez, mostra que hoje a União arrecada 14,5% do PIB (estimado em US\$ 470 bilhões) e com o aumento de 5% passará a 15,2%.

O deputado entende que há uma torcida para que as coisas dêem certo, mas ele não crê que o Plano FHC2 passe no Congresso e lembra: "Voltamos à velha teoria de que tudo que se busca, na verdade, é o aumento de impostos. E tudo vai acabar em pizza".

José Mindlin, do Conselho de Administração da Metal Leve, diz que é melhor esperar um pouco antes de se ter uma conclusão sobre o Plano FHC2. "E no meu entender, hoje, não há muita alternativa diferente. E tem mais, não dá para esperar mais", afirma. De acordo com o empresário, "a posição de Fernando Henrique Cardoso não é de se invejar, pois as dificuldades são inúmeras".

O Superintendente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, considerou lamentável o



Delfim: Congresso não aprova

Plano FHC2, pois repete o que denominou de "velho esquema de aumento de imposto". Segundo ele, estava na hora de se buscar os sonegadores, quem não paga impostos para acertar as contas do Governo.

Ermírio diz que ficou aborrecido, pois "é sempre a mesma história: quem paga imposto é que é punido", quando há muita gente por aí que sonega, que não paga os tributos. E, afinal de contas, afirma ainda, o produto nacional acaba por perder sua competitividade no mercado internacional, pois fica mais caro e a concorrência acaba por ganhar mercados que antes pertenciam aos artigos nacionais.

O presidente do Sindicato da Micro e Pequena e Indústria do Estado (Simpi), Joseph Couri, repudia as medidas econômicas que o Governo pretende adotar, e diz: É inadmissível que o Governo, mais uma vez, penalize o setor produtivo da sociedade com um aumento da carga tributária".

Couri revela que um levantamento feito pelo seu sindicato mostrou que 37% do faturamento de uma micro ou pequena indústria, em média, são destinados ao Governo através do recolhimento de impostos. Esse percentual, segundo Couri, aumentará ainda mais com a elevação dos impostos federais.